

O universo de Clarice Lispector

A Hora da Estrela: quando a palavra é VIDA

por Orlando Santos

O Centro Cultural Banco do Brasil do Rio de Janeiro está expondo, até fins de setembro (podendo se estender por mais tempo) uma das mais instigantes mostras já montadas em seu espaço. E não poderia ser diferente, pois homenageia aquela que é considerada uma das mais importantes e enigmáticas escritoras do país, Clarice Lispector, a qual afirmou: "*Sou tão misteriosa que não me entendo.*"

A exposição *Clarice Lispector/A Hora da Estrela*, que ocupa praticamente todo o primeiro andar do CCBB, chega ao Rio depois do estrondoso sucesso alcançado em São Paulo, onde permaneceu por seis meses e foi visitada por quase 300 mil pessoas.

São fotografias, manuscritos, correspondências, documentos pessoais, primeiras edições e um vídeo cedido pela TV Cultura – uma entrevista dada a Júlio Lerner, a única imagem em movimento de Clarice. Todos os documentos expostos pertencem a Paulo Gurgel Valente, filho da escritora, e estão sob a guarda da Fundação Casa Rui Barbosa no Arquivo-Museu de Literatura Brasileira.

Com curadoria de Júlia Peregrino e Ferreira Gullar, e cenografia de Daniela Thomas e Felipe Tassara, a mostra é uma viagem pelo universo da escritora. A proposta é revelar um pouco da alma e da obra daquela que continua a ocupar, mesmo após três décadas de sua morte, um lugar único na literatura brasileira.

O indizível

Emoções, surpresas e segredos são revelados ao visitante ao percorrer os 600 m² e oito salas do primeiro andar do CCBB. "O objetivo é oferecer ao espectador uma introdução à riqueza do universo de Clarice", explica Júlia Peregrino. "Quem a conhece irá desfrutar; quem não a conhece, será instigado a conhecer e ser um novo leitor de Clarice", assegura a curadora.

Logo na entrada, o olhar marcante da escritora aguarda o público com a frase "Ver é a pura loucura do corpo". Em seguida, imagens ampliadas de seu rosto deixam transparecer frases e idéias de seus escritos, revelando o pensamento daquela que "tentou dizer o indizível, sabendo que não poderia fazê-lo", na opinião do poeta Ferreira Gullar.

A própria Clarice confirmaria isso, ao escrever: "*Um nome para o que eu sou, importa muito pouco. Importa o que eu gostaria de ser. O que sou então? Sou uma pessoa que tem um coração que por vezes percebe, sou uma pessoa que pretendeu pôr em palavras um mundo ininteligível e um mundo impalpável.*"

Vida no nome

Clarice nasceu em Tchetelnik, Ucrânia, em 1920 (embora muitos tenham adotado 1925 como data de seu nascimento), chegou ao Brasil em 1922, em Maceió, e foi para Recife (PE) com cinco anos. Naturalizada brasileira, aos 15 anos, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde se casou com o diplomata Amaury Gurgel Valente.

"Tenho que me apressar, o tempo urge. Não posso perder um minuto do tempo que faz minha vida", escreveu a escritora, reafirmando a paixão que vem de seu nome de batismo, Haia (que significa vida, em ídiche), o qual seria alterado para Clarice após a chegada ao Brasil, onde teve uma infância marcada pela pobreza, mas cuja alegria de viver não permitiu que ela registrasse isso em sua literatura.



Embora ucraniana de nascimento, a autora de 26 livros, entre contos, romances e literatura infantil, e que teve sua obra traduzida em 15 línguas, considerava-se 100% brasileira. Seu primeiro romance, *Perto do coração selvagem* (1943), causou impacto na crítica brasileira. "Olha, eu não entendi seu livro, não. Mas fala com Otto Maria Carpeaux, é capaz de ele entender", disse o crítico literário do *Correio da Manhã*, Álvaro de Barros Lins (1912-1970), primeiro a receber o manuscrito da autora, que o publicou sem consultar mais ninguém. Otto Maria Carpeaux (1900-1978), era, na época, um intelectual austríaco recém-chegado ao Brasil, que depois ingressaria no *Correio da Manhã*.

O reconhecimento da obra viria com Sérgio Milliet (1898-1966), um influente crítico literário do jornal *O Estado de São Paulo*, que publicaria, em 15 de janeiro de 1944, uma elogiosa crítica sobre o livro, o qual ganhou, no ano seguinte, o prêmio Graça Aranha de melhor romance de 1943. Em 1944 Clarice começaria sua maratona internacional, acompanhando o marido.

A autora de obras como *Laços de família* (1960), *Legião Estrangeira* (1964) e *Água viva*



Centro Cultural Banco do Brasil

Rua Primeiro de Março, 66 / 1º andar – Centro
Exposição de terça a domingo, de 10h às 21h
www.bb.com.br/cultura

(1973), influenciou sua geração e as que vieram depois. Separada do marido, em 1957, retornou definitivamente para o Brasil e, passando a residir no bairro do Leme, no Rio de Janeiro, que adotou como cidade natal. Foi neste local que produziria o restante de toda a sua obra,

além de fazer traduções e escrever, para jornais e revistas, colunas femininas, crônicas e diversas entrevistas, entre as quais com Rubem Braga, Lygia Fagundes Telles, Ferreira Gullar, Elis Regina, Tom Jobim, Nelson Rodrigues, Oscar Niemeyer e Pablo Neruda.

"*Minha ação é a das palavras*", afirmaria Clarice. Mas seus atos mostram que ia mais além. Em crônica publicada em 6 de abril de 1968, declara-se chocada com a morte do estudante Edson Luís. Em 2 de junho, integra o grupo de 300 intelectuais que se dirige ao Palácio Guanabara para cobrar do governador Negrão de Lima uma postura mais democrática. Em 26 de junho, participa, na linha de frente composta por intelectuais e artistas, da Passeata dos Cem Mil contra a ditadura militar.

A escritora faleceu um dia antes de seu aniversário, em 9 de dezembro de 1977, ano em que foi publicado *A hora da estrela*, o qual, sob a direção e roteiro de Suzana Amaral, seria consagrado como o filme mais premiado em toda a história do Festival de Cinema de Brasília. No ano seguinte, a estreante Marcélia Cartaxo recebeu o prestigioso Urso de Prata do Festival de Berlim.

A aventura da palavra

Clarice mostrou ser uma autora atemporal: a atualidade de seu pensamento é comprovada pelas contínuas reedições de seus livros e as

UM NOME PARA O QUE EU
SOU, IMPORTA MUITO
POUCO. IMPORTA O QUE
EU GOSTARIA DE SER.
O QUE SOU ENTÃO? SOU
UMA PESSOA QUE TEM
UM CORAÇÃO QUE POR
VEZES PERCEBE, SOU
UMA PESSOA QUE PRE-
TENDEU PÔR EM PALA-
VRAS UM MUNDO ININTE-
LIGÍVEL E UM MUNDO IM-
PALPÁVEL. SOBRETUDO
UMA PESSOA CUJO CO-
RAÇÃO BATE DE ALEGRIA
LEVÍSSIMA QUANDO CON-
SEGUE EM UMA FRASE
DIZER ALGUMA COISA
SOBRE A VIDA HUMANA
OU ANIMAL.



Clarice Lispector

muitas adaptações de seus textos para o cinema, o teatro, a televisão e outros meios.

Das oito salas que compo-
tam a exposição, uma em
particular chama a atenção:
nela as paredes são cobertas
por cerca de duas mil gavetas,
montadas do chão ao teto.
Apenas 65 delas se abrem,
revelando documentos, manus-
critos, primeiras edições de
livros, fotos em família, corres-
pondências de amigos (como
Carlos Drummond de Andrade
e Lygia Fagundes Teles), docu-
mentos pessoais (como carteira
de identidade e passaporte).
Essas gavetas formam uma
espécie de cômoda gigante,
reunindo todo o acervo da
história de vida de Clarice.

Do texto de apresentação da
mostra, intitulado 'Aventura da
palavra', extraímos trechos que
buscam definir o que é esta bela e
enriquecedora mostra no CCB:

*"Como não poderia deixar
de ser, o eixo da mostra é a
palavra da escritora. Suas
frases atordoantes, relâmpagos
que subitamente iluminam
aspectos da vida, se casam a
fotografias que documentam a
trajetória desta brasileira [...] Com uma ambientação
intimista, a mostra pretende
oferecer aos leitores uma
chance de reencontrar a escri-*

*tora. [...] celebra uma artista que nos inspira a
romper o que chamava de 'pacto de mediocri-
dade com a vida'. Lê-la não é apenas
enriquecedor: é necessário." ■*

Alma carioca

Uma das características fundamentais da obra de Clarice Lispector é sua grande identificação com a cidade do Rio de Janeiro, na qual viveu de 1935 e 1977. Ela dizia, por exemplo, que o Leme, bairro onde morava, era sua terra, seu porto seguro. A cidade está sempre presente, seja pelo espírito dos personagens, seja por meio de cenários. Tudo no Rio fica ainda mais belo nas palavras da escritora.

